

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

MUNICIPIO DE BARCELLOS
BIBLIOTECA

ANNO II

Assignaturas

Trimestre 300 rs. Semestre 600 rs. Numero avulso 30 rs.
Redacção e Administração. Rua de S. Francisco, n.º 28, Bar-
cellos, para onde toda a correspondência deve ser dirigida fran-
ca de porte.

DOMINGO, 31 DE JANEIRO

— DE 1892 —

Publicações

Anuncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpo do jornal
40 rs. Os srs. assignantes gozam o abalimento de 25 % An-
nunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um
exemplar.

N.º 100

SABBADO, 30

OS SACRIFICIOS

Os segredos mysteriosos em que se envolviam os negocios da nossa fazenda publica, foram postos — a, claro pelo sr. Oliveira Martins actual ministro da fazenda.

Os alcances importantissimos em que nos achamos para com os nossos credores e o desequilibrio do orçamento geral do estado, nãõ o nosso deficit me-patrio dr. Masando sacrificios. De aqui he eny para que o nosso credito se não venha a perder de todo, e a nossa autonomia se conserve illeza e a nossa honra im polluta.

Até aqui bem vamos nós, porque o paiz nunca se negou, na hora extrema, a redobrar esforços e a empregar os meios mais heroicos e mais denodados, para que a honra e o brio nacional fiquem superiores a todas as considerações.

Mas o paiz já está cansado de fazer sacrificios pedidos em nome das necessidades do thezouro; e, cazo extraordinario quanto maiores são os sacrificios, a que o paiz se submete, tanto mais redobram as necessidades e as urgencias do thezouro!

Elle foram addicionaes sobre addicionaes em todas as contribuições ordinarias; elle, foi augmento sobre augmento no imposto do sello, no imposto sobre os generos alimenticios, tudo, em fim, tem sido carregado com repetidos impostos, e o thezouro ca-la vez mais pobre, mais anemico, mais torico!

Já se vê, que o problema se não resolve sómente por esta parte. E' preciso augmentar a receita, mas é urgente, urgentissimo cortar á despeza; e o paiz, emquanto que não vir realisada esta póda, que é preciso fazer-se, não cre no remedio tantissimas vezes applicado, e outras tantas inutil para o estado do enfermo.

Pois não ha ahí sinecuras, logares de luxo, que se podem evitar?

Pois não ha ahí inspectores no exercito a ganharem quatro libras por dia, quando ha lavradores, que trabalham todo o anno dia e noite, e, no fim d'um abo-

tar incessante, não lhes ficam quatro vintens no fim d'um anno livres das suas despezas ordinarias?

Inspectores para que? Não ha commandantes nos corpos e generaes nas divisões militares para fazerem essas inspecções? Que resultado tem ellas dado em prol do bom nome e da disciplina do nosso exercito!

Os illustres deputados Ferreira d'Almeida, Cristiano Ayres e Avellar Machado, dignos representantes do exercito no parlamento, já ali declararam, que este não devia ser considerado como excepção nos sacrificios, que se vão pedir a todas as classes, o que, sem duvida, foi tão honroso para aquelles deputados, quanto nobilitou a briosa classe militar, a que dignamente pertencem.

Mas não se peçam aos officiaes de patente mais baixa grandes sacrificios, para que estes vão redondar em proveito dos grandes medalhões. E isto que se deve dar com relação ao exercito, deve de dar-se com relação a todas as outras classes, quer sejam funcionarios civis, quer sejam mesmo ecclesiasticos.

Acabose com toda esta coisa d'inspectores, que, afinal, só inspecionam para si, se é que não inspecionam coisa nenhuma.

Estas sinecuras creadas no tempo das vaccas gordas, é preciso que se cortem pela raiz n'esta desastrosa epocha das vaccas magras; e, depois de feito isto, venham então os taes sacrificios, mas, dos que para elles tem de marchar, a columna da frente, deve de ser a dos mais pimpões e graudos, indo no coice da fristissima procissão, os que já estão como esqueletos e gatos pingados.

O partido progressista quiz, em tempo, estabelecer o imposto de rendimento; fizeram-lhe então uma guerra cruel, e depõseram o ministerio em que ministro da fazenda o sr. Barros Gomes auctor d'aquelle projecto de lei; agora reconhecem o erro, veem que o capital tem sido muito poupado na distribuição dos impostos, mas tentam remediar o mal, quando a molestia está adiantada, e quando o povo está a laudes!

Triste condição a nossa! Venham pois esses sacrificios, mas sejam iguaes para todos.

CONTRASTES

São apenas decorridos dois annos depois que a Inglaterra enviou ao nosso paiz o insultante ultimatum, que despertou em todos os portuguezes um veemente desejo de desaffronta. Por essa occasião o governo, consultando-se nos fervorosos impulsos da nação, olhou para as forças defensivas do reino, cuja organização deficiente apprehendeu remodelar. A onda nacional, que se alastrou d'um extremo ao outro d'este jardim da Europa, deixou após a sua passagem uma subscripção nacional, bastante humilde para tão soberbo arranco de patriotismo, e uns decretos dictatoriaes sobre a defesa do nosso territorio, que não passaram de vaidosos platonismos do feroz ministerio que então ameaçava o mar e o mundo. Parece que a fortuna se nos não quiz mostrar completamente hostil n'esse momento. Ao desleixo de tantos annos ia succeder-se, sem duvida, uma superabundancia de actividade que nos precipitaria ainda mais rapidamente na voragem da insolvencia economica. Abriu-se uma epocha de exaltação patriótica, em que todos faziam convergir as suas energias para que este povo — cuja altivez equalava a dos antigos romanos quando exclamavam orgulhosos — *civis romanus sum* — não deixasse impune mais outra humilhação arremessada aos seus brios tradicionaes.

A esse periodo, porém, seguiu-se novamente o esgotamento do nosso organismo social, e recaindo tudo n'uma depressão vital mais propria d'uma raça infiltrada de sangue indio, do que impregnada pelo sangue arabe. Decorridos dois annos, já se proclama a inutilidade dos nossos meios de defesa, alvitra-se a redução quasi total da nossa força publica, fundamenta-se a nossa autonomia nacional nas habilidades diplomaticas, como se podessemos ainda esperar alguma coisa do direito que não se fizer respeitar pela força. A Suissa não possui melhores condições naturaes do que nós para organizar a defesa do seu territorio, e todavia sente-se hoje sufficientemente forte para erguer a cerviz perante as imposições do collos allemão.

Isto prova, a sociedade, que os governos suissos não vivem de platonismos, q

nos, dotados de tino pratico, não se contentam em chorar as suas desditas sobre os pergaminhos das suas passadas glorias, mas levantam a voz dos seus canhões, e o braço disciplinado da sua população, sem que os apavore qualquer golias que imprudentemente ouse reptal-os. Em Portugal tem sido regra copiar com mais ou menos senso, os costumes dos grandes paizes, como a França, Inglaterra e Alemanha, assimilando-nos assim á ra da fabula, e abandonar com desprezo o que se passa nos paizes que mais nos podiam servir de modelo. D'ahi o ficarmos sempre ridiculos na grandeza e pusillanimes na adversidade.

Parece que não ha um plano geral de governação. Tudo se subordina ás necessidades impreteriveis do momento. Actualmente não se pensa senão em economias, e n'este delirio financeiro corta-se vertiginosamente em todas as ramificações da arvore social, sem calcular com segurança se esses desbastes irão comprometter demasiadamente a sua fructificação futura. Com as questões militares parece-nos prever egual conducta.

E' fóra de duvida que não convém ao nosso paiz um exercito permanente com um effectivo tão oneroso para as forças do thezouro, assim como não pôde continuar essa legião de burocratas que inunda todas as secretarias de estado, absorvendo grande parte das receitas publicas. Contudo, para se dispensar essa manifestação ostensiva da força militar, é forçoso organizar, quanto antes, a defesa do reino de modo que, sem grande dispendio, nos preparemos para fazer respeitar a integridade da nossa honra e do nosso territorio. Para isso é necessario começar por desfazer no espirito do nosso povo a reluctancia extraordinaria que elle mostra para os misteres militares, a ponto que os nossos mais validos mancebos preferem expatriar-se a servir tres annos nas fileiras do exercito. Talvez se conseguisse um resultado favoravel tornando obrigatórios os exercicios militares, em todas as escolas. Além de hygienicos, desenvolveriam nos espiritos infantis o habito da disciplina e os sentimentos mais elevados do amor patrio, coisas tão pouco accentuadas nas gerações modernas.

E' indispensavel organizar as reservas, de modo que tenham a maior latitude possivel e tornalas proficuas a todos os cidadãos, chamando-os aos exercicios mi-

nos seus affazeres habituaes. Tudo isso é exequível havendo boa direcção das nossas praças e dos pontos estrategicos mais importantes do paiz. A aquisição do material de guerra e a construcção de linhas de defeza, ir-se-ia operando parallelamente ao desenvolvimento da instrucção militar do nosso povo. Só quando essa instrucção estiver devidamente diffundida pelo paiz, é que podemos pensar em velleidades defensivas, sem exercito permanente. Oxalá, pois, que o governo se compenetre da necessidade inadiavel de preparar um futuro prospero e independente para a nossa nacionalidade, e que se lembre de que tão humilhante para uma nação é pedir auxilios monetarios á usura dos estrangeiros, como sollicitar forças estranhas para defender o seu territorio d'uma investida brutal. A nossa historia deve ter-nos ensinado quanto custam essas allianças mercenarias, dizendo muito dolorosamente quanto valem as razões do direito, quando allegadas por uma nação fraca. E as lições da historia devem ficar indelevelmente gravadas na memoria dos pores.

Restrinja-se, muito embora, o effectivo do nosso exercito, mas não se abandone nem um instante, a organização das nossas forças defensivas, d'um modo mais effiz do que apparatuso, e com um criterio mais largo do que o determinado pelo furor economico da occasião. Tão pernicioso julgamos a absorpção dos nossos rendimentos pelo exagerado quadro do nosso exercito, como a absorpção dos elementos da força publica pelas urgencias das nossas finanças.

(Do Correio da Noite)

Lemos no Commercio do Porto:

Na Hespanha o encargo que pesa por cabeça, por juros da dívida publica, é calculado em 25000 reis.

Na Italia, apesar das enormes vicissitudes por que tem passado, apesar de ter conquistado a sua unidade pelo preço de duas guerras collossaes, como foram as de 1859 e de 1866, apesar de ter constituído um exercito e uma marinha, apesar de ter creado grandes portos militares, apesar de ter fomentado os elementos para entrar no convivio das grandes potencias — na Italia, dizemos, o encargo que pesa por cabeça, por juros da dívida publica, é calculado em 33300 reis.

Pois esse encargo calcula-se para Portugal, segundo um documento insuspeito, em 33345

reis ! E o thesouro está depauperado e os serviços publicos estão desorganizados e as colonias choram a sua prolongada penuria, coberta de vergonhas !

Em Lisboa a quota tributaria é de 15\$484 reis; no Porto 9\$873 reis; em 13 dos 263 concelhos do reino é de menos de 1\$000 reis; em 29 concelhos regula de 1\$000 a 1\$200 reis; em 38 de 1\$200 a 1\$400 reis; em 47 de 1\$400 a 1\$600 reis.

SCIENCIAS E LETTRAS

LITURGIA

Precisará de nova sagração ou pelo menos, de nova benção, uma Igreja, que, sendo sagrada, tem servido ha muitos annos, tão sómente para sepulchro dos mortos, querendo-se por agora restituil-a ao culto sagrado, por isso que os enterramentos são feitos em cemiterio á pouco concluido?

Respondemos ao nosso amigo consulente, que para maior decencia e reverencia sómente (pois a Igreja tornada em sepulchro dos mortos não fica profanada) deve ser benzida. Assim o declarou a S. C. dos Ritos ao Bispo d'Arezzo D. José Giusti, pelas palavras seguintes: *In casu Ecclesiam ad majorem solummodo decentiam ac reverentiam esse benedicendam*. Die 4 Septembris 1875 (Ad. 1.)

Quando se cantam Vesperas na presença do SS. Sacramento exposto, e ao cantico—*Magnificat* se incensa o mesmo, deverá fazer-se a incensação, ajoelhando o celebrante no infimo degrau do altar, ou antes no suppedaneo?

Deve o Celebrante incensar o SS. Sacramento genuflectindo no suppedaneo, como o declarou a S. C. dos Ritos em 27 de fevereiro de 1847 (Ad. 5.) pela forma seguinte: *In Suppedaneo*.

Segundo o costume das basilicas de Roma, a incensação do SS. Sacramento na Missa é feita no suppedaneo e não no infimo degrau e acrescenta *Merati*, que este costume se pode conservar com toda a decencia em todas as Igrejas: *hunc morem decenter servari posse in omnibus ecclesiis*. Vid. Bouvier a pag. 232 e 233, tom. tert. Também é esta a praxe da Igreja Bracarense: Vavasseur diz o mesmo.

Poderá dividir-se em pequenas particulas (para satisfazer á piedade dos fieis, que pedem a sagrada Eucharistia) não ha formulas sufficientes no Sacratio, a Hostia sagrada, que esteve em adoração?

A não ser um caso urgente como a administração do Viatico, não póde fraccionar-se a Hostia, que esteve exposta em adoração: segundo diz Bauldry, Esta deve ser consumida pelo Sacristão ou outro Sacerdote, no dia seguinte, depois da Exposição, *Postridie . . . in Missa, sumpto pretioso Sanguine, sacram hostiam, que in Ostensorio asservabatur,*

ante purificationem assumet, nec communicandis ministrabit: etc. Bauldry pag. 527. *De Proces. SS. Sacram. singul. mensibus.*

P. Fernandes.

A SAUDE PELA RENOVACÃO DO AR

O homem, no seu estado de perfeita saude exhala de si pela pele e pela expiração pulmonar (halito) e espalha no ambiente cinco oitavas partes da sua bebida e comida, isto é, da sua alimentação; a essa exalação chamamos transpiração insensível, para a distinguirmos do suor. As materias assim exhaladas misturam-se no ar, adquirindo rapidamente mau cheiro, sobre tudo nos quartos pequenos e não ventilados. Basta apenas esse ar fetido para nos causar muitas doenças; é elle uma das causas mais activas da febre typhoide e do typho; predispõe para a tísica, escrophulas, rheumatismo, pelo enfraquecimento que a sua acção prolongada causa no organismo. Este ar é ainda muito mais prejudicial quando os quartos são humidos e sombrios.

A transpiração do homem doente é muitissimo mais perniciosa que a do homem são, e tem muitas vezes o triste privilegio de reproduzir a doença com tanta mais facilidade, quanto mais concentrada e fétida é, tornando-a então contagiosa. Comprehende-se facilmente que o ar, assim carregado de miasmas, não causa sómente damno ás pessoas que rodeiam o doente, mas também, e com mais perigo, ao proprio doente, propinquo-lhe, por assim dizer, a cada in-

stante nova dóse do veneno que o mina e consome.

Devemos pois sempre diligenciar por ter quartos espaçosos e bem arejados e com janella, sen do possível, a qual abriremos todos os dias, para renovar o ar, arejando sempre o colchão, as roupas da cama, etc.

O NUMERO TREZE

Não querendo o primeiro presidente do parlamento de Ruão sentar-se á mesa, porque completara o numero treze, foi preciso ceder á superstição, e mandar vir outra pessoa afim de que fossem quatorze, ceando depois tranquilamente. Mas apenas se levantou da mesa, sobreveio-lhe um ataque de apoplexia, e morreu logo.—Deus nem sempre castiga as superstições de tão visível modo; mas não duvida, que as abomina: «Senhor, diz o psalmista, vós aborreceis os que observam cousas vãs e inúteis.»

O Padre Lebran, Hist. crit. das praticas superst.

O PRIMEIRO DIA DO ANNO

Ha pessoas que imaginam, que todo o anno será para ellas ditoso ou desgraçado, segundo for bom ou mau o primeiro dia de janeiro. S. João Chrysostomo, levantando-se fortemente contra essa superstição, diz em uma de suas homilias: «Não ouvis o Apostolo S. Paulo, que vos diz: *Observaes os dias e os mezes, as estações e os annos! Receio, que eu tenha trabalhado em vão*

QUE VALE A VIDA...

Que importam desejos, esperanças que valem !
Prazeres e gloria, que valem também ? !
Que valem ! . . . são fumos que o tempo dissipa,
Esquecem co'a morte, não vivem além !

Na face da terra as gerações passam ! . . .
Paixões bem diversas as vão agitando !
São poucos os risos, immensos os choros,
Ao som das algemas que vão arrastando !

E as gerações morrem ! . . . Na senda da vida,
Em longo tumulto, succedem-se mais ! . . .
Depois, já d'aquelles que a lousa cobrira
Não se ouvem sorrisos, nem prantos, nem ais !

E a todos, que tinham affectos no mundo
A morte lhes trouxe saudosa afflicção !
O impio na morte recebe o castigo,
O triste só n'ella verá redempção !

Ah ! não, não lamente ninguém, seu destino,
Tormentos e magoas que a sorte lhe deu !
Corôa d'espinhos, que cinge o martyrio,
Corôa de flores se torna no céu !

A vida não vale, não vale o trabalho,
Não vale os cuidados, que em susto nos tem;
E' sonho inconstante, que o tempo dissipa;
Os nomes se apagam, as glorias também !

Sómente a virtude merece desvêlos . . .
Exemplos sómente devemos deixar ! . . .
São balsamo santo nos males da terra,
Que premios eternos nos faz alcançar !

C. MAXIMA DE FIGUEIREDO.

em vosso favor ! «Não é o cumulo da loucura julgar por um só dia ao que será o resto do anno ?

Catecismo de Mans.

LÁ' POR FORA

No parlamento francez Grande escandalo

Na camara dos deputados francezes deu-se d'uma das ultimas sessões um escandalo monumental. Eis como os jornaes narram o caso:

Haverá pouco mais ou menos 15 dias, Henrique Rochefort iniciou uma campanha de insulto e diffamação contra Mr. Constans, ministro do interior. Além de cobrir Constans dos mais ignominiosos epithetos chamou-lhe ladrão e assassino.

A opinião, habituada ás datriebes do redactor do *Intransigent*, não ligou grande importancia a estes artigos, exactamente por serem escriptos por Rochefort. No entanto, o assumpto era muito discutido, e, como é natural, as opiniões encontravam-se e as paixões procuravam azedar o caso ou attribuir-lhe pouca importancia.

Um incidente levantado na camara, no dia 21, foi o phosphoro atirado ao barril de polvora. O deputado boulangista Lassene dirigiu-se ao governo, perguntando se estava disposto a adoptar qualquer medida com relação a Rochefort, e tirando da algibeira os artigos contra Constans, dispoz-se a lê-los á camara. Freycinet, subindo á tribuna, oppoz-se tenazmente á leitura d'esses artigos.

—Nunca—disse o presidente do conselho de ministros,—nunca semelhantes calumnias devem ser lidas n'um parlamento serio e honrado. A camara dirá se consente tal desconsideração ao governo e ao proprio parlamento.

Na sala estabeleceu-se sussurro. Muitos deputados pediam que se puzesse á votação se sim ou não deveriam ser lidos os artigos.

—Sim, leia . . .

—Fôra ! Isso é infame !

E outras vozes como estas levantaram.

O deputado Laur esguei-se do seu logar, abriu caminho e subiu á tribuna. Entendia que não se podia prohibir a leitura dos artigos, porque com isso se coarctariam os direitos da discussão parlamentar.

—Se se prohibe a leitura ficamos o direito de afirmar que o ministro procura fugir perante as accusações da opinião publica.

Constans, sentado ao pé do presidente do coacelho, estava calado, mas no seu rosto lia-se a mortificação e o desespero que lhe causavam as palavras do orador. Quando, porém, Laur disse que elle pretendia fugir ao julgamento da opinião, não se conteve mais, e levantando-se bruscamente, dirigiu-se á tribuna, no momento em que aquelle deputado descia. Constans deitou-lhe as mãos ao pescoço, e deu-lhe uma tremenda bofetada, que se ouviu em toda a sala. Em seguida, empurrou-o violentamente, dando-lhe um pontapé !

O tumulto foi indisciplinavel. As pessoas que se achavam nas tribunas bradaram:

—Viva Constans !

Os deputados republicanos deram uma calorosa salva de palmas.

A gritaria era medonha. Laur, fóra de si, berrava como um possesso. Os amigos agarraram-o pelos braços, enquanto elle, completamente desorientado, atirava os maiores insultos a Constans. Dois deputados, depois de se injuriarem, esmurraram-se como dois barqueiros. Uns soldados separaram-os e puzeram-os fóra da sala, com os collarinhos amarrados e em cabellos. Os chapeus estavam no meio do chão, como figos.

Evacuadas as tribunas e a sala das sessões, os tumultos continuaram na sala das conferencias. Um deputado e um jornalista tantas amabilidades disseram, que se atiraram um ao outro, aos murros, calindo ambos no chão, e rolando no pavimento, aos socos. Quando se levantaram estavam cheios de sangue !

Varios deputados pediram aos boulangistas que se retirassem da sala, para o conflicto não tomar ainda mais graves proporções. Mr. Floquet, presidente da camara reuniu os seus collegas para combinar a attitude que se havia de adoptar. A confusão, era, porém, cada vez maior. Todos gritavam, todos berravam, uns contra Laur, outros contra Constans.

A maioria, no entretanto, era contraria a Laur. O conde de Mun, chefe dos monarchicos, aproximou-se de Constans e felicitou-o pelo acto de energia, dando-lhe um aperto de mão. Constans visivelmente encomodado, pedia desculpa do excesso em que cahiu. Não pudera, porém, ser superior á sua indignação.

Reaberta a sessão, Constans sobe á tribuna, e diz algumas palavras. Ha 17 annos que era deputado e nunca fóra chamado á ordem. Pediu perdão á camara do seu acto violento.

Por 334 votos contra 44, a camara reprova as palavras do deputado Laur.

Os tumultos augmentavam. O deputado republicano D. Ipech, increpado pelo boulangista Castellin, atira-lhe uma bofetada. Nos corredores da camara outros deputados esmurraram-se.

A impressão que estes acontecimentos causaram foi enorme.

DIA A DIA

Fazem annos :

Hoje — a exm.ª sr.ª D. Maria Emilia Barros Lima.

Dia 2 — a exm.ª sr.ª D. Catharina Mendonça Antas e Barros e o sr. Manoel da Graça Pereira Roças e Antonio de Vilhena.

Dia 4 — o sr. dr. Rodrigo Velloso.

Dia 5 — a exm.ª sr.ª D. Olivia Alves de Macedo.

Dia 6 — o sr. Avellino Ayres Duarte.

De Lisboa chegou hontem a esta villa no comboio do correio, o sr. dr. Manoel Paes de Villae Boas, nosso illustre patricio e dignissimo director da Companhia Real dos caminhos de ferro portuguezes.

Está bastante doente com um ataque de rheumatismo o sr. padre Agostinho da Cunha Sotto Maior, intelligente e estimado sacerdote.

Está quasi restabelecida do incommodo que ultimamente soffreu a exm.ª sr.ª D. Maria Amelia Pereira Esteves.

Tambem se acha restabelecido o sr. João Antonio da Costa Guimarães honrado negociante e digno presidente da associação commercial d'esta villa.

Continua incomodado o sr. Manoel Vianna.

Retiraram-se d'esta villa o sr. dr. Thomaz Leão e exm.ª esposa, que ha dias se achavam hospedados em casa do sr. dr. Antonio Ferraz.

O sr. Guilherme Joaquim Nunes digno chefe da estação do carrinho de ferro d'esta villa, achase restabelecido de seus incommodos.

Retirou para a cidade do Porto acompanhado de sua exm.ª mana e filhinhos o sr. commedador Joaquim Redondo Paes de Villas-Boas, nosso presado patricio.

Tem estado enferma e experimentado melhoras a exm.ª esposa do sr. Chrisogno Alberto de Sousa Correa.

Na quarta-feira passada partiu para Guimarães, acompanhado dos srs. capitães Nobre da Veiga, Rodrigues e Velloso, o sr. major Vasconcellos, digno comandante do batalhão aqui estacionado indo á gare despedir-se de s. ex.ª toda a officialidade do mesmo batalhão.

Foram em commissão de serviço para constituirem o jury dos exames de 1.º sargento que vão ter logar na sede do corpo.

PELA SEMANA

Rectificação—No relatório da Associação Commercial d'esta villa, inserto na secção respectiva do numero passado, d'este periodico, deverão substituir-se, em todos os exemplares da primeira tiragem, os dois periodos correspondentes aos que hoje damos na mesma secção, devidamente corrigidos.

Sorteamento—Effectuou-se na passada quinta-feira, nos paços do concelho, o sorteamento dos mancebos reconhecidos e apurados no anno de 1891.

Festa de Nossa Senhora da Graça—Realisa-se na proxima terça-feira na real collegiada d'esta villa, com todo o lustimento a festividade em honra de Nossa Senhora da Graça.

De tarde ha sermão sendo orador o nosso presado amigo e intelligente pregador regio, abba de Roriz.

A musica é a dos bombeiros voluntarios, que se fará ouvir na vespera e dia.

Affilamentos—Pelo ministerio das obras publicas foi publicada uma portaria designando a letra Z, para os affilamentos de todas as medidas e instrumentos de pesar e medir.

Associação Commercial—Reune hoje, pelas 3 horas da tarde, a assemblea geral da Associação Commercial, d'esta villa, para se proceder á leitura do relatório e contas do anno passado, e eleger-se a commissão revisora de contas.

Esclarecimento—O pequeno de que se trata na noticia que demos em o n.º 85, sob a epigraphe Professor modelo não é sobrinho do sr. padre Antonio Rosa, nem este snr. foi que nos informou a tal respeito, mas outras pessoas por igual fidedignas.

Incendio—Hontem pelas 4 1/2 horas da manhã manifestou-se n'um palheiro pertencente á casa onde habita o sapateiro Jeronimo Exposito, situada na rua do Visconde de S. Januario, um pequeno incendio que de certo tomaria grande incremento, se não fossem os promptos socorros da briosa corporação dos bombeiros voluntarios d'esta villa, que mais uma vez mostrou a sua promptidão e dedicação em taes casos.

Os prejuizos são insignificantes e o predio pertence ao sr. Costa Reis, de Barcelinhos.

Mariano de Carvalho—Este ex-ministro da fazenda partiu com sua familia, para o Algarve. Suas ex.ªs vão residir por algum tempo na formosissima quinta do Alto pertencente ao sr. Mattos Sanches, nos suburbios de Faro.

Banco de Barcellos—Temos presente o relatório do Banco de Barcellos, referente á gerencia do anno findo.

Revela-se n'este documento uma notavel e previdente sollicitude da parte da digna direcção, que, com enexcedivel tino, e á custa de muitos trabalhos e não menos desgostos, tem conseguido que o Banco de Barcellos seja um dos estabelecimentos de mais credito em todo o paiz, pela segurança de suas operações, e pela solidez de seus capitales, o que tanto é para apreciar n'estes tempos de desastres, esbanjamentos e especulações nas administrações de estabelecimentos de credito.

E' digno de notar-se que este banco atravessou a melindrosa epocha do anno passado, sem o menor estremecimento, a ponto de se não aproveitar da moratoria, de lhe serem conservados os depositos, que orçam pelo dobro do seu capital e de conservar aos seus accionistas o dividendo de 6 %.

Registrando com o maior agrado a prosperidade d'este estabelecimento, felicitamos os dignos gerentes pelo zelo e tino com que administraram e defenderam os interesses dos accionistas.

Subditos portuguezes—Na cidade do Rio de Janeiro, durante o mez de setembro ultimo, falleceram cento e noventa e oito subditos portuguezes.

Divisão ecclesiastica—Consta ao nosso presado collega o «Correio da Noite,» que se projecta uma nova divisão ecclesiastica. Serão supprimidos alguns bispados e arredondadas as parochias, de maneira que estas fiquem dirigidas por um parcho e coadjutor de apresentação regia.

Vigario geral—Consta que vae ser nomeado vigario geral da diocese de Braga, logar que deixa vago o bispo eleito d'Angra, o nosso presado amigo sr. dr. Oliveira Guimarães, digno abba de S. Pedro de Maximinos. Não pode ser mais acertada a escolha.

Ministerio d'Instrução publica—Consta que vae ser supprimido o ministerio d'Instrução publica que foi creado pela ultima situação regeneradora, para contentar o sr. João Arroyo. A ser verdade é digna dos maiores elogios esta economica resolução.

150 libras surripiadas—Na segunda-feira passada o sr. Antonio Cetano d'Almeida Peixoto deu pela falta de 150 libras, que tinha encerradas no seu cofre, e como este estava fechado e sem o menor vestigio de violencia, desde logo descobriu de Manoel Joaquim Fernandes de Sousa, que algumas vezes chamava ao seu serviço.

A auctoridade administrativa tendo procedido ás necessarias averiguações, fez recolher o denunciado á cadeia.

Appareceram já quasi todas as libras, que o industrioso larpio, finalmente, confessou ter subtraido com a propria chave do sr. Peixoto, tendo-a apanhado n'uma gaveta onde aquelle senhor costumava guardal-a.

Cadaver—Proximamente a Fão, appareceu, na semana passada, á margem do Cavado, o cadaver de Bernardino Salgado, de Barcelinhos, que se afogara, em outubro do anno findo, ao pé da ponte d'esta villa.

Balles de mascaras—Começaram na semana passada e continuam todas as quintas-feiras e domingos os balles de mascaras promovidos pelo grupo do Gremio Gymnastico-Musical, installado no largo José Novaes.

Já vão estando bastante animados. Agradecemos o bilhete enviado a esta redacção.

S. Braz—No proximo domingo realisa-se, em Barcelinhos, em um dos locais mais pitorescos d'estes arrabaldes, a costumada Romaria de S. Braz, aonde concorrem todos os annos muitas familias d'esta villa e muita gente das proximidades.

COMMERCIO

RELATORIO DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE BARCELLOS

Para base d'este calculo, da

mos-vos em seguida, a nota dos nossos apontamentos, que como vereis, longe do receio de não poderem sttingir as cifras da nossa previsão—exageradas no tocante á receita e acanhadas no que diz respeito á despeza—ao contrario, obedeceram talvez a operações demasiadamente prudentes e cautelosas; a saber:

Table with financial data: RECEITA (Socios effectivos 180:000, Socios cooperadores 48:000, Saldo provavel 100:000), DESPEZA (Aluguer da casa 30:000, Contribuições 6:910, etc.), Saldo: 108:220

ANNUNCIOS

BAILE DE MASCARAS NO Gremio Gymnastico Musical

Hoje e terça-feira proxima. Principiam ás 8 horas e terminam á 1 hora da noite.

Despedida

O padre Emilio Augusto da Esperança Machado, não tendo podido despedir-se individualmente das pessoas de suas relações e amizade, vem por este meio fazel-o, pedindo toda a desculpa e offerecendo os seus serviços em Moçambique.

EDITOS DE 30 DIAS

2.ª publicação

Pelo juizo de direito d'esta comarca de Barcellos, e cartorio do escrivão do 5.º officio Azevedo, e nos autos de inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de Manoel Pereira de Mello, casado, morador que foi na freguezia de Gilmonde, e em que é inventariante a viuva Maria Rosa de Brito, da mesma freguezia, correm editos de 30 dias a citar o co-herdeiro ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil Joaquim Pereira de Mello, para dentro do mesmo praso assistir a todos os termos até final do mesmo inventario, e n'elle deduzir os seus direitos com a pena de revelia.

Barcellos, 20 de janeiro de 1892. (192)

Verifiquei a exactidão.

O substituto do juiz de direito, Barroso de Mattos. O escrivão ajudante, Francisco d'Assis Marques d'Azevedo.

ARREMATACAO

1.ª praça.

No dia 7 de fevereiro proximo, pelas 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca perante o juiz de direito d'ella, e o escrivão ajudante do 3.º officio, tem de proceder-se á arrematação do seguinte predio, por assim ser deliberado pelo respectivo conselho de familia e interessados no inventario ante menores a que se procede por fallecimento de Maria Thezera Moreira, viuva de Domingos Gonçalves da Costa, moradores que foram n'esta villa, a saber:—Uma morada de casas torres e terreas com seu quintal, de natureza allodial, sita no Campo de D. Carlos, d'esta mesma villa, avaliada em a quantia de 784:000 reis.

Pelo presente ficam citados todos e quaesquer credores incertos da inventariada nos termos e para os effeitos do artigo 844 do Cod. do Processo Civil. Barcellos, 13 de janeiro de 1892.

Verifiquei a exactidão,

O juiz de direito, (186) Adelino da Motta.

O escrivão ajudante do 3.º officio Francisco de Sousa Caravana.

FOLHETIN

A BRUXA

I

—Então já viu uma coisa assim, comadre? Desde que aquella bruxa do inferno para aqui veio, não pára ninguem são; aposto que em toda a aldeia não se encontra uma unica casa onde não esteja alguem doente.

—Pois como não ha-de ser assim, se basta um olhar d'aquella velha maldicta para tirar a saude á gente, como aconteceu hontem ao menino da Agueda.

—Então tambem o pequerrucho da Agueda está doente?

—E tão doente que a mãe já encommendou a mortalha.

—Ora muito me conta. Pelos modos a perra é perdida por creanças; não se atira quasi sempre senão a ellas.

—Dizem até que, se póde colher alguma ás mãos, leva-a para casa e chupa-lhe o sangue.

—Ih, Jesus! E já alguém veria isso, comadre?

—Assim me contou a Carolina da Azenha.

—E ainda se consente aqui semelhante mulher?! Ai quem me dera ser homem que já lhe tinha feito os ossos n'um feixe.

—Isso diz vocemecê. Não tenha medo que não lhe chegava ao pello, não.

—Só se eu não lhe podesse ser boa.

—Então julga que ainda não ouve quem tivesse essa lembrança?

—Quem foi, comadre? quem foi?

—Segundo ouvi dizer foi o marido da Genoveva.

—O Zé Cebola?

—Esse mesmo.

—E o que lhe aconteceu?

—Mesmo quando elle ia a levantar um bom bordão de marmeleiro para lhe desancar os ossos,

ella sumiu-se-lhe da vista com um barulho tão grande como o de um trovão, e o pobre homem teve de levar as mãos aos olhos, porque senão ficava cego com um resplendor que fez, assim á maneira de um relampago.

—Pois, se ella tem pacto com o diabo.

—Mas que pena o Zé Cebola não lhe poder chegar, que então era uma vez uma bruxa!

A'quella ninguem lhe põe as mãos em cima, porque o diabo vem logo em favor d'ella.

—Com que sim, comadre?

—Então o que quer dizer aquelle cheiro a enxofre que ella deixou atraz, quando se sumiu do Zé Cebola? E demais todos os sabbados não fazem junta, ali no Espojeiro?

—Com que sim? como é isso, comadre?

—Ora, reúnem-se as bruxas de cinco leguas ao redor, e tendo o diabo por presidente tratam do

modo como hão-de perder as almas.

—Por isso eu tenho ouvido dizer que todos os sabbados á meia noite, se ouvem no Espojeiro uns grandes uivos.

—Pois eu já d'uma vez os ouvi e por signal apanhei tal medo que fiquei sem pinga de sangue no corpo.

—Por isso sempre que passo no Espojeiro, faço o signal da cruz e encommendo-me á Mãe Santissima.

—O mesmo me succede a mim, e só quando não póde ser pelo menos, é que por lá passo, porque deveras, é sitio de que tenho medo é d'aquelle.

—E não é para menos. Se elle é tão medonho!

—Por essa razão tambem é uma raridade, quando por ali se vê uma alma viva.

—E não me dirá, comadre, como fará ella aquelles malafícios?

—Ora é boa! com um simples olhar. Basta ella deitar os olhos

para uma pessoa, para a gente se sentir logo doente. Parece ella mesma, aquella maldita, que tem veneno nos olhos.

—Deixa estar que a mim é que ella me não ha-de pôr a vista em cima. Apenas a vir, fecho-me em casa a quatro chaves.

—E se alguma vez lhe succeder essa desgraça, comadre, mande logo chamar a tia Angelica para a benzer do mau olhar.

Assim conversavam duas mulheres que n'uma aldeia da Beira, assentadas cada uma á sua porta, procuravam nos tepidos raios do sol um lenitivo contra o frio de dezembro, tão agudo n'aquelle dia que chegara a fazer gelar a agua dentro das habitações, e o seu dialogo promettia ser eterno, quando uma circumstancia casual veio terminal-o e pôr em fuga as duas interlocutoras.

(continua)

ALUGA-SE

O padre Antonio Rosa, da freguezia de Cossourado, aluga a sua casa da rua de S. Francisco n.º 15 e 17. (185)

PERDEU-SE

Quem acha-se uma nota, do Banco de Portugal, de 50:000 reis, que na quinta-feira 14 do corrente, se perdeu na rua do arrabalde da Cruz, perto do templo de Bom Jesus da Cruz, d'esta villa, e a queira restituir, falle com o sr. Manoel José de Sousa, negociante, no Campo da Feira, que sabe quem é o seu dono, e receberá alviçaras. (193)

ATTENÇÃO

Quem perdeu um anel d'ou- no na rua da Palha, d'esta villa, póde procural-o n'esta redacção ou em casa do sr. Domingos Miguel d'Azevedo, no Campo de S. José, que lhe será entregue, dando os signaes competentes e pagando a publicação do presente annuncio.

Barcellos, 18 de dezembro de 1891.

CARTEIRAS

Para notas e cedulas, sortimento para todos os preços. A' venda na Livraria de Julio Joaquim Barreto—Campo da Feira 61, Barcellos.

KALENDARIO PARA 1892

Lindos gostos á venda na Livraria de Julio Joaquim Barreto—Campo da Feira 61, Barcellos.

Quem perdeu uma luneta d'ouro na freguezia de S. Paio do Carvalhal, pode procural-a em casa do sr. Antonio José de Faria, ou em casa dos srs. Figueiredos, de Barcelinhos, que a entregarão mediante a despesa d'este annuncio. (167)

BREVE NOTICIA SOBRE

a cultura da beterraba e seu aproveitamento no fabrico de assucar. por J. Torres. Preço 50 reis. A' venda em Barcellos, em casa de sr. Manoel Viana, rua Direita.

LIVRARIA GUILLARD, AILLA E C.ª

Paris, 47, rue de Sain-André-des-Artes—Filial em Lisboa 242, Rua Aurea, 1.º.

Curso Elementar de Geographia, conforme o programma do terceiro anno dos «Cursos dos Lyceus» por Manoel Ferreira-Deusdado, lente do Curso Superior de Lettras, director da revista de «Educação e Ensino». Um volume em 12 de 500 paginas, ornado de numerosas gravuras, encardnado em percalina. Custo..... 1:000 reis.

NAMESMA LIVRARIA Algumas Noções de «Lingua e Literatura Portuguesa» conforme o programma official para os alumnos de instrucção secundaria por Alfredo Campos. Custo..... 300 reis.

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

Eduardo da Costa Santos, e Sobrinho—Editores. 4, rua de St.º Ildefonso, 12—PORTO.

ABEL BOTELHO

PATHOLOGIA SOCIAL

O BARÃO DE LAVOS

A fanchonice—Ahi está o assumpto d'este estudo devido á pena de Abel Botelho ou Abel Acacio, que tudo é um. Todos sabem que, quando se cita algum caso de pederastia desbragada, a indignação com que se acolhe a narrativa esbate-se quasi n'uma indiferença sorridente a isso provem d'esse vicio repugnante estar profundamente inveterado na sociedade portugueza, como uma nojenta herpes icuravel, que porreja á superficie. N'este romance faz o auctor apathogenense d'essa molestia n'um exemplar saliente—o Barão de Lavos,—com toda a acuidade e brilhantismo que lhe é peculiar. Desnecessario é ver muito longe para agouarrar a este trabalho—novo no seu genero—um successor colossal.

NOSSASENHORA DE PARIS

Romance historico, de Victor Hugo, traducção de João Pinheiro Chagas. Nossa Senhora de Paris, ressurreição viva da idade medi, é uma obra de cunho e um dos mais formosos titulos litterarios do seu auctor. Um grande volume em brochura 25400 reis; o mesmo, ricamente, encadernado em luxuosas capas de percalina, de diferentes cores maddadas fazer expressamente na Alemanha 35400 reis; e, se alem de encadernado, tiver as folhas douradas, custa 25700 reis.

PHARMACIA

DA Santa e Real Casa da Misericórdia DE

BARCELLOS

CAMPO DA FEIRA—EDIFICIO DO HOSPITAL

DIRECTOR—Avelino Ayres Duarte

Pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

Variado sortimento de fundas, algalias, meias elasticas suspensorios, mamadeiras, thermometros, etc.

Grande collecção de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. (76)

EMPRESA EDITORA DO «RECREIO» DEPOSITO—RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 93—ADMINISTRÇÃO E TYPOGRAPHIA—RUA DA BARROCA, 109—LISBOA

CARLOS SERTORIO

NOVELLAS PORTUGUEZAS

PUBLICAÇÃO MENSAL EM FOLHETO DE 48 A 64 PAGINAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

As «Novellas Portuguezas» serão publicadas isoladamente, em folhetos de 48 a 64 paginas cada uma, pelo módico preço de 60 reis, e saindo uma por mez; de fórma que no fim do anno, o assignante terá seis volumes de 300 paginas cada um, pelo preço de 360 reis. Quasi um real cada pagina!

Toda a obra contém, pois, 12 folhetos que importam ao assignante em 720 reis, formando dois unicos volumes.

Está em distribuição a 1.ª novella «O Caçador Caçado».

Em Lisboa, a assignatura póde ser aos volumes ou aos folhetos. Cada folheto, 60 reis.—Cada volume, 360 reis.

Para a provincia, a assignatura é paga adeantadamente, 720 reis toda a obra, devendo declarar-se se o assignante deseja receber aos folhetos ou aos volumes.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a João Romano Torres, editor do «Recreio», rua da Barroca, 109, Lisboa.

MAPPA DE PORTUGAL

Com a rede completa dos CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES, pelo Capitão d'estado maior de artilheria

ALBERTO MONTEIRO

engenheiro em serviço no Ministerio das Obras Publicas.

Contendo tambem a extensão kilometrica de cada linha quer em exploração quer em construcção.

1 folha de 0,86m x 0,65m na escala de 1/550:000 200 reis, envernizado, coliado em panno e com reguas 1:000 REIS

CORTADO COLLADO EM PANNO em forma de carteira em um estojo de cartão 1:000 reis.

O MESMO MAPPA circundado com 22 vistas, em phototypia, de Lisboa, Belem, Cintra, Mafra, Batalha, Alcobaca, Thomar, Coimbra, Bussaco, Porto e Braga e as bandeiras de todos os paizes.

1 folha de 1,70m x 0,90m = 400 reis.

ENVERNISADO COLLADO EM PANNO e com reguas 1:500 REIS.

O mappa com as vistas só pode ser remetido pelo caminho de ferro acrescentando a despeza de 100 reis para as linhas do Norte e Leste, Sul e Sueste, e de 220 reis para todas as outras. A' venda em todas as livrarias do paiz e na casa editora

GULLARD, AILLAUD & C.ª 242, Rua Aurea, 1.º, Lisboa.

E' nosso correspondente n'esta villa o sr. Antonio José Alvés do Valle—Campo de S. José.

VIDA

DE D. FREI BARTHOLOGEU D'S MARTYRESM

Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Hespanhas da Ordem dos Pregadores, etc., etc.

Obra reproduzida na magnifica edição de 1610 feita em Vienna do Castello á custa da mesma cidade. E' repartida em sete livros com a solemnidade de sua trasladação por Frei Luiz de Caecegas reformada em estylo, ordem e ampliada em muitos successos e particularidades por Frei Luiz de Souza, um dos classicos mais respeitaveis da lingua portugueza.

Esta edição, foi traduzida em francez em 1679, e em italiano em 1727, o que bem mostra o seu valor litterario.

Os editores resolveram reimprimir a vida do venerando Arcebispo em optimas condições materiaes e economicas afim de contribuir para a solemnisação do seu centenário da morte do virtuosissimo antistite da Igreja Bravaense. Esta edição será augmentada com a biographia de Frei Luiz de Sousa feita por um distincto orador sagrado, desembargador da Relação Ecclesiastica de Braga.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

A obra comprehenderá os seis livros de que é composta, em 3 volumes, o primeiro dos quaes já estão publicados.

Tres grossos volumes Preço 1:800 reis franco de porte.

Assigna-se em todas as livrarias do reino.

Os srs. correspondentes terão a percentagem de 2% e além d'isso, um exemplar gratis por cada 12 assignaturas.

Livraria escolar de Ferreira e C.ª, 56 Rua Nova de Sousa 58, A—Braga.

A todas as senhoras do paiz

NOVO METHODO DE CÔRTE

E maneira de qualquer senhora confeccionar por suas proprias mãos todos os seus vestuarios.

244 gravuras illucidativas sobre medidas, côrte, etc.

Obra indispensavel em todas as familias.

Appello aos chefes de familia. Economia domestica e moralidade pelo trabalho.

Um bello volume, illustrado, 700 reis.

Remette-se para todos os pontos do paiz, mediante vale do correio, ou sellos postaes.

Livraria Portuense de Lopes e C.ª editores.—Rua do Almada 119 a 123—Porto.

Vende-se em todas as livrarias do paiz.

Em Barcellos, no estabelecimento do sr. Joaquim José d'Azevedo—Campo da Feira, 93.

VICTOR HUGO

HISTORIA DE UM CRIME

(RELUCCION D'UM EMIGRADO POLITICO) Está em distribuição o 2.º fasciculo d'esta magnifica obra historica, illustrada com excellente gravuras de pagina, edição luxuosa No Porto e Lisboa, distribuir-se ha nos dias 1, 10 e 20 de cada mez, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 10 e uma bellissima gravura, pelo módico preço de 100 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Nas demais terras do reino as pessoas que desejarem assignar deverão remetter adiantadamente a importancia de um ou mais fasciculos, em estampilhas, vales do correio, ou ordens de facil cobrança.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Joaquim Ignacio Saraiva, rua do Bom Jardim, 272, Porto, onde se recebem assignaturas.

GEOGRAPHIA ECONOMICA (AGRICOLA, INDUSTRIAL E COMMERCIAL)

Offerecida ao Athenaeo Commercial do Porto.

por José Nicolau Raposo Botelho, major d'infantaria e ex-professor do Lyceo Central do Porto.

Condições da assignatura: A obra será impressa em formato, papel e typo equal ao dos respectivos prospectos, em tudo recommendaveis.

A distribuição, constante de 15 fasciculos, aproximadamente, de 80 paginas, pelo preço de 200 reis cada um, será feita nos dias 1 e 15 de cada mez, ficando a obra completa em 3 volumes.

Os pedidos das provincias deverão ir sempre acompanhados da sua importancia.

Assigna-se nas principaes livrarias do paiz e na Livraria Universal de Magalhães Louiz, Largo dos Loyos, 1.º, Porto.

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

E LITTERARIA DO CLERO PORTUGUEZ E BRAZILEIRO.

ou Apologetica por Francisco Hettinger doutor em philsosophia e theologia e professor da Universidade de Wurzburg, traducção portugueza do dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente de Vespera da Faculdade de Theologia na Universidade de Coimbra.

Obra approvada pelo eminentissimo cardeal bispo do Porto.

Primeira parte Demonstraçao da religião christã Tomo 1.º, custo 25200 reis.

Papelaria e Typographia Morgado 8, Praça dos Voluntarios da Rainha, 40, Porto.

TYPOGRAPHIA DO «COMMERCIO DE BARCELLOS» Rua de S. Francisco, n.º 28, BARCELLOS.

E' seu editor o sr. Joaquim Maciel, de Roriz.